

Agradeço à Sra. Presidente e à Comissão Parlamentar de Cultura a oportunidade, por nós desejada, para esclarecer o que se passou - e não passou - em Serralves.

É para nós honroso estarmos hoje na Assembleia da República porque partilhamos com esta instituição fundamental do poder democrático o amor pela liberdade, a negação da censura e o interesse em servir melhor os portugueses pela Cultura e pela Arte.

Não há nem houve em Serralves qualquer censura. Repito: não há nem houve em Serralves qualquer censura.

Aliás, seria absurdo encontrar obras de Mapplethorpe mais sensíveis e violentas no sentido comum da palavra, do que aquelas que estão expostas, e que teriam sido por isso censuradas.

A exposição de Serralves vai mais longe do que muitas outras em vários museus que evitaram muitas fotografias que lá estão expostas. É também a primeira realizada em Portugal. E é para nós, para a Comissão Executiva, e para o conjunto da administração um insulto tratá-los de censores e inimigos da liberdade. Não temos, nem Serralves tem lições a receber nessa matéria. Não há nem houve em Serralves qualquer censura.

O Conselho de Administração não fez nada que possa ser repreensível, nem face ao diretor do Museu (que tem funções ao mais alto nível que implicam a cooperação com a administração), nem face ao curador da exposição, cuja liberdade artística não foi coartada e cuja exposição na sua forma final foi por ele assinada, apresentada e inaugurada com sucesso junto da imprensa e dos convidados.

Aliás era esta a posição de João Ribas, que propôs a existência de um espaço reservado, por sua iniciativa, em devido tempo. O dossier de imprensa do dia seguinte à inauguração, que vos facultámos, mostra como essa inauguração nada teve de controverso.

Por iniciativa do diretor do museu, repetindo o que já tinha acontecido na exposição de uma obra de Jeff Koons, deveria haver uma área reservada na exposição de Robert Mapplethorpe. Foi esta também a posição da administração. Este entendimento foi rompido, com surpresa nossa, numa entrevista à imprensa, dias antes da inauguração, na qual diz que na *“exposição não haverá resguardo, salas especiais ou qualquer tipo de restrição a visitantes, o museu não pode separar ou delimitar o acesso a obras”*. Tal representa uma alteração que viola a sua própria proposta assim como todos os compromissos assumidos com pleno acordo. Existe, como é obvio, suporte documental da

posição de João Ribas. Esta mudança de posição, tomada em público, quebrou a relação de confiança.

Nunca em toda a história de Serralves, com vários directores e curadores, tal tinha acontecido, como aliás todos admitem, a começar pela anterior diretora do museu que trabalhou com esta administração. Nem o próprio João Ribas, durante muitos anos diretor adjunto do museu, fez qualquer queixa nesse sentido.

A atitude de João Ribas revelou imaturidade e uma inequívoca deslealdade: João Ribas disse aos jornais o que não disse à administração e disse à administração o que não disse aos jornais.

É igualmente importante assinalar que o Conselho de Administração não se eximiu da sua responsabilidade face aos públicos muito distintos de Serralves, em particular aos milhares de crianças que visitam o museu. Por isso, foram tomadas o mesmo tipo de precauções que vários museus do mundo têm tomado na exposição das obras mais sensíveis de Mapplethorpe. Tal foi referido, mais do que uma vez, em declarações muito claras por Michael Stout, Presidente da Fundação Mapplethorpe, amigo pessoal do artista, que o acompanhou na doença e morte, e que tem tido sempre uma posição inequívoca de apoio ao Conselho de Administração, e muito crítica da atitude de João Ribas. *(Declarações facultadas durante a audição)*

A discussão sobre o que pode ou deve ser exposto livremente a crianças (Serralves não é visitado apenas por pré-adolescentes, mas por crianças de 5, 6, 7, 8, 9, 10 anos) é uma discussão importante, mas não é uma discussão em que artistas, curadores, diretores de museus e administrações tenham a propriedade das conclusões. Este debate deve incluir especialistas em psicologia infantil, pedopsiquiatras e outros - de notar que os especialistas exprimem uma clara consciência dos riscos de uma exposição aberta em depoimentos coligidos pelo Diário de Notícias.

Serralves está disponível para patrocinar esse debate, mas esse debate é muito diferente da discussão sobre a censura que não houve. Houve sim prudência e bom senso e muito respeito pela obra de Mapplethorpe. Que fique claro: não há nem houve em Serralves qualquer censura.

Como a acusação de censura não tem pés para andar, porque é falsa, têm vindo a ser levantadas outras questões que se destinam a ocultar a clara inexistência de fundamento da acusação principal. Desde questões internas do funcionamento da Fundação, a interpretações sobre a autonomia de um diretor de Museu, que não é a mesma de um curador, até à acusação aos deputados desta comissão de não terem os “conhecimentos técnicos” necessários para julgar o que aconteceu, passando-lhes um atestado de incompetência.

Ninguém, no entanto, quer comentar os excepcionais resultados em termos de democratização da cultura e qualidade artística de Serralves.

É um processo de má fé, e destina-se a ocultar que não houve qualquer censura em Serralves, que é para nós o essencial e que é aquilo que nos traz à Assembleia da República. Dificilmente poderemos discutir outras questões sem que fique claro se houve ou não censura em Serralves.

Quando há uma discussão como esta, assente em informações falsas e por um desconhecimento do que realmente estava exposto em Serralves - que os senhores deputados tiveram ocasião de ver, ficando assim com conhecimento de causa - há muitas vezes a tentação salomónica de dar razão aos dois “lados”, se é que há dois “lados” neste caso.

Pensamos que tal seria muito injusto e confiamos no conhecimento, na sensatez, e no amor pela arte e pela liberdade dos senhores deputados e pela consciência de que Serralves é uma instituição única em Portugal, com grande prestígio internacional, resultado do trabalho da comunidade artística nacional e internacional, com uma participação maioritária da sociedade civil, com o apoio do Estado (cujos administradores nomeados têm sido completamente solidários com o conjunto da administração), apoio do Estado que não é uma dádiva, mas o reconhecimento de resultados ímpares que prestigiam os museus portugueses, a cidade do Porto e Portugal.

João Ribas fez aliás uma excelente caracterização de Serralves, no dia 15 de julho último, numa entrevista, ao Público: *“acho sinceramente que o museu neste momento está cheio de energia, cheio de mundo, cheio de uma abordagem extremamente aberta”*.

Irei agora responder, assim como os membros do Conselho de Administração, alguns dos quais testemunhas diretas dos eventos, às perguntas dos Srs. deputados dos grupos parlamentares.

Obrigada